

Brasil manterá atraso com o Clube de Paris

Divida Externa
Helena Daltro

BRASÍLIA — O Brasil não vai pagar a dívida de US\$ 980 milhões ao Clube de Paris, que venceu no dia 2 deste mês, para não comprometer o nível das reservas cambiais, garantiu ontem, em entrevista ao **JORNAL DO BRASIL**, o presidente José Sarney. "Queremos manter o nível das reservas elevado para evitar a crise cambial, que poderia desencadear a hiperinflação. O Brasil só pagará aos credores aquilo que não comprometer o nível das reservas", disse.

As reservas, acrescentou o presidente, precisam manter-se num patamar "bastante razoável", para permitir que o governo do presidente eleito, Fernando Collor de Mello, tenha poder de negociação com os credores. "Hiperinflação não é propriamente inflação alta, mas a desorganização da economia. E a pior crise é a cambial, que geralmente desencadeia a hiperinflação, como aconteceu na Argentina", ensinou.

Sarney afastou, portanto, a possibilidade de o Brasil retomar as intenções de pagar o Clube de Paris na segunda quinzena de janeiro, como previu o diretor da Área Externa do Banco Central, Armin Lore. A questão da dívida externa, disse o presidente, só será resolvida com a união de, pelo menos, quatro dos devedores latino-americanos: Brasil, Argentina, Colômbia e Venezuela.

"Estou convencido que é imprescindível essa união, apesar das dificuldades para fazê-la. Já nem falo no México, que dorme ao lado do gigante norte-americano. Perdemos a grande oportunidade de negociar a dívida em 1982, durante o chamado *setembro negro*. Naquela ocasião, os bancos estavam mais vulneráveis a uma quebra", avaliou Sarney.

Barganha — Posteriormente, acrescentou, os bancos credores "foram negociando, levando o assunto na conversa e preparando-se para resistir, e hoje estamos completamente sem poder de barganha". O Brasil e toda a América Latina podem até quebrar, completou, que isso pouco interessa aos credores.

A integração latino-americana, lembrou o presidente, foi uma de suas principais metas de governo e avaliou que a economia de blocos está predominando no mundo, com a união entre os países da Ásia, da Europa e do norte da América. Na América Latina, acrescentou, há um enorme isolamento, e as relações de comércio intra-regionais alcançam apenas 11% do total das transações comerciais do continente.

Sarney garantiu que sua equipe econômica não vai fazer mais qualquer pacote de medidas para combater a inflação. Essa iniciativa caberá ao presidente Fernando Collor. Nesse contexto, descartou a maxidesvalorização, pois teria que ser adotada juntamente com outras medidas.

"Soft pressões terríveis para fazer a maxidesvalorização. Houve até empresário dizendo que daria um tiro na cabeça se eu não fizesse a máxi. Mas não farei de jeito nenhum", contou. A dois meses para deixar o governo, Sarney só precisará divulgar mais dois índices da inflação: o de janeiro e o de fevereiro. A de março, lembrou, já será divulgada pelo presidente Fernando Collor.



José Sarney

JORNAL DO BRASIL